

## ASPECTOS ESTILÍSTICOS DO TEXTO LITERÁRIO

Ir. Elvo Clemente

PUCRS

Ao abordar um tema tão importante veremos algumas noções sobre Estilo e Estilística para aplicá-las ao texto literário.

Alceu Amoroso Lima no livro *A estética literária e o crítico* tem passagens magistrais que reproduzimos:

“A literatura é a expressão do homem e da vida. Nela o interessante não é apenas quem se exprime, o que se exprime, mas como se exprime. O como tem aí sua importância culminante. Em obra de filosofia ou de física o modo de exprimir tem, em regra, qualificação secundária. Ora, o estilo é sempre um instrumento. O mesmo não se dá na arte e de modo particular na arte da palavra. O estilo aí não é um meio. Também não é um fim em si. Mas um meio com valor de fim. É um meio que se incorpora ao fim, como aliás se dá também com o autor na obra literária para ele a viver incorporado à obra, como o estilo. A palavra na literatura tem valor ontológico. Sendo a arte-da-palavra, faz a literatura do seu meio de expressão seu próprio fim. Nunca a palavra pode ser, em literatura, simples objeto de uso, simples meio de comunicação, pois nasceu a literatura da encarnação da vida no verbo. Vimos ser justamente a palavra estilizada a causa específica intrínseca da literatura.

O estilo é a passagem da palavra informe para a palavra em forma. É a palavra unida à realidade, à dupla realidade em jogo — a subjetiva e a objetiva, o autor e o assunto —. O estilo é ao mesmo tempo o homem e a obra. É a função de uma concepção geral da vida.

Há tríplice adequação da palavra para a formação do estilo, como expressão significativa: a adequação do verbo ao autor, ou elemento intencional do estilo; a adequação do verbo ao tema ou

elemento **expressivo** do estilo; a adequação do verbo ao leitor ou elemento **impressivo** do estilo."

A estilística é o estudo das peculiaridades literárias ligadas ao estilo.

Ao ler e analisar o texto literário a estilística preocupa-se com algo de especial que o texto apresenta: uma inversão, uma conjugação diferente de verbo, uma concordância rara, vocábulo diferente, a curiosidade da pontuação, a interrupção ou corte no verso, etc. Qualquer desvio da normalidade da escrita chama a atenção do estudioso da Estilística.

No "Poema dos textos", de Antônio Gedeão, que passaremos a examinar, teremos oportunidade de observar os múltiplos desvios, as modalidades características, o estilo do autor.

### Poema dos textos

- 01 – Dobrados sobre os textos
- 02 – deslizam degerar o dedo indicador
- 03 – nas brancas entrelinhas.
- 04 – A ruga entre os sobrolhos denuncia
- 05 – o concentrado esforço.
- 06 – São séculos de leitura, perseverante e atenta,
- 07 – que os lábios em silêncio reproduzem
- 08 – e as barbas com tremuras sintonizam.
- 09 – Chegado ao fim, o dedo retrocede
- 10 – e regressa ao princípio,
- 11 – de novo sublinhando o texto, cauteloso.
- 12 – Pára na dúvida, e o rosto se confrange
- 13 – no sempre nebuloso entendimento.
- 14 – Onde se lê "cordeiro" não é cordeiro;
- 15 – onde fala em "pastor" não é pastor;
- 16 – e o grão que foi cair na berma do caminho,
- 17 – pisado pelos pés e comido p'las aves,
- 18 – não era grão, nem existiam aves,
- 19 – nem os pés o pisaram, nem sequer
- 20 – o caminho existia.
- 21 – O mistério persiste, emoliente e arteiro,
- 22 – p'ra que vendo não vejam, e ouvindo não entendam.

23 – Que significará o pão, o vinho, o peixe, o escorpião, a cinza?

24 – Que significará "meus amados irmãos"?

25 – Que quererá dizer "amai-vos uns aos outros"?

(Antônio Gedeão)

Colóquio, Letras nº 88, pág. 8 – Novembro 1985, Lisboa.

Após uma ou várias leituras podemos começar a análise pelo título: "Poema dos textos".

Antônio Gedeão dedica-se a fazer metapoética ou explicação do ato ou fenômeno literário. O verbo "deslizam" não tem o sujeito explícito, está subentendido, percebido pela metonímia do objeto direto "o dedo indicador".

"Dobrados" adjunto nominal subentende o substantivo ausente a que se refere (sábios, estudiosos...). O advérbio "devagar" manifesta o cuidado, a tranquilidade, a concentração do que é mister naquele momento. "O dedo indicador" estabelece o tipo de leitura lenta, penetrante, absorvente que é feita.

"Nas brancas entrelinhas" é quase pleonástica a forma do adjetivo brancas, mas no caso dá importância ao que numa leitura normal passa despercebido. A figura não identificada aparece com expressão facial, reveladora do esforço: "a ruga entre os sobrolhos". As minúcias descritas são reveladoras da postura e da atividade do investigador sobre os palimpsestos medievais. Nos três versos seguintes, 6, 7 e 8 continua a descrição pormenorizada, reveladora do estudo, da perseverança e da argúcia. O contraste de "são séculos de leitura" com lábios e barbas, é notável. O retrato tem cores fortes para algo sem grande significação aparente, que se transforma em força do texto. Há presença de sinestias em "barbas trêmulas sintonizam" que "os lábios em silêncio reproduzem".

Os versos (9, 10 e 11) apresentam a metonímia do dedo que chegou ao fim retrocede, novamente com valor sinestésico.

Nos versos (12 e 13) o sujeito de "pára" continua sendo "dedo", para descrever o resultado de todo trabalho "no sempre nebuloso entendimento". Por mais trabalho que se tenha, por



mais esforço que se faça, tudo continua "nebuloso". A clareza do texto literário deve ser conquistada pelo leitor em renovados esforços... Os doze versos subsequentes provam a dificuldade de clareza, a forte ambigüidade base do texto literário. Antônio Gedeão vai explicando: Onde se lê "cordeiro" não é cordeiro; onde se fala em "pastor" não é pastor.

É evidente a intertextualidade das parábolas do Evangelho que falam de pastor, do sementeiro, da semente...

O poema conclui com três versos bem separados um do outro, aparecendo como estrofes soltas: a 1ª de vinte versos; a 2ª de dois versos e as três restantes de um verso apenas cada uma. E notam-se as interrogações que pontuam cada uma. E as respostas ficam para cada leitor decifrar.

Voltando à estrutura estrófica podemos interpretar: a grande, de vinte versos é o texto que se espalma diante de nós, de cada leitor. É a sua existência, ou a história do homem sobre a terra, a sua missão e o seu mistério. As estrofes resumidas seria separar de elementos, um desfazer-se a trama do tecido da existência, persistindo as graves e pungentes interrogações.

A ironia amarga ou sarcástica do último verso, fica a desafiar os cristãos do século XX ou os dois mil anos de cristianismo...

O "Poema dos textos" oferece quantos exercícios se queiram fazer. O importante é saber de que a ação da estilística deve levar a maior compreensão ou intuição do texto literário...

Outro tipo de análise, estilística também pode ser feito com o poema "Barcos", do poeta Paulo Corrêa Lopes:

### Barcos

Meus barcos de papel cresceram  
e agora são navios em alto mar.  
À hora em que o vento rugir  
que será dos barcos em alto mar?  
Quando os astros surgirem  
pálidos no céu distante  
ainda existirá o traço luminoso  
que meus barcos vão deixando sobre o mar?

(Paulo Corrêa Lopes)

Poemas da vida e da morte, 32-38, pág. 64.

Vejamos o título "Barcos" desprovido de artigo ou de quaisquer elementos deícticos, evidencia a indefinição, o vago, o aberto na compreensão e a força da ambigüidade.

O poema se divide em três momentos: o 1º momento figura do nos versos (1 e 2). O 2º momento representado pelos versos (3 e 4) carregados de temor. O 3º momento apresentado pela incerteza, dos versos (5, 6, 7 e 8) e pela interrogação final.

No poema há uma evolução dos "Barcos" que se apresentam de papel em toda a sua fragilidade inicial para se tornarem "navios em alto mar". Passa-se depois ao simples "traço luminoso". A fragilidade do material de que são feitos os barcos vai-se para o efêmero do traço que vão deixando sobre o mar...

O poema é a figura da brevidade da existência que se defronta com tantas dificuldades, tantos contratempos e tantos imprevistos, para ao final numa interrogação sem resposta ficar a olhar para o infinito que se enche de esperança ou se esvai na quimera da incerteza.

Os dois poemas simbolizam aspectos e formas da vida humana. O mistério do viver do "poema dos textos". É o poema de cada um sobre os textos diversos de sua vida ou melhor, abrindo o leque ao infinito: da existência humana.

Paulo Corrêa Lopes distinto de Antônio Gedeão abre os olhos sobre a fragilidade, sobre a inconsistência de tantos barcos de papel...

Tanto o escritor português das margens do Tejo, como o escritor brasileiro das margens do Guariba conclamam à meditação com as suas interrogações que se tomam a tantas outras da existência humana.